

O Espírito Santo e a tradição de Jesus

The Holy Spirit and the tradition of Jesus

João Batista Libânio¹

COMBLIN, José. O Espírito Santo e a Tradição de Jesus (obra póstuma). São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012. 478p. 24 cm x 17 cm. ISBN 978-85-60990-16-0

José Comblin mostrou-se fortemente preocupado em atribuir ao Espírito Santo papel relevante na teologia que, no Ocidente, o esquecera. Esta substituíra-o pelas três brancuras - a hóstia, Nossa Senhora e o papa -, como afirmara Ph. Phare e Congar repetira. Publicou várias obras em que lhe valoriza a presença na Igreja e no mundo. Mas ainda sonhava em escrever obra mais consistente com a finalidade de quebrar cristalizações eclesiais criadas ao longo dos séculos, recorrendo à tradição primeira de Jesus, garantida pelo Espírito Santo.

Em excelente introdução, Monica Muggler explica-nos a gênese dessa obra póstuma. Algo bem original, que reflete o estilo intelectual de José Comblin. Ele começou cinco vezes a redigi-la a partir de reflexões, leituras, notas. Por um descuido de computador perdeu a quarta redação.

O livro apresenta-nos, portanto, quatro versões do livro. Elas gozam de certa autonomia entre si, embora haja repetições ou reelaborações. De cada redação deixou, atrás

de si, texto escrito, porém, incompleto. Alguns capítulos desenvolvidos, outros apenas indicados. Faltam as referências bibliográficas.

A organizadora Monica dispôs a ordem das redações, começando pela última. Em seguida, retoma as anteriores, da primeira até a terceira, já que a quarta se perdera.

Os livros de Comblin reconhecem-se por características bem marcantes. Revelam ampla visão histórica. Ele trabalha os temas na perspectiva do processo de desenvolvimento ao longo do tempo. Implica leituras e pesquisas que lhe oferecem o material básico. Além do mais, carrega o texto de intuições profundas, criativas e provocantes. Estas nasciam de enorme capacidade crítica, de contacto com as pessoas, de observação da vida que o cercava, sobretudo da inserção no meio pobre. Não deixa o leitor simplesmente informado. Incita-o à reflexão e à mudança de óticas e de práticas. Ele transpirava liberdade crítica em face do poder, das autoridades, dos costumes enraizados, das estruturas eclesiais calcificadas em prol de Igreja centrada nos pobres, na simplicidade, nas comunidades vivas e comprometidas segundo o espírito de Jesus palestinese. O alvo principal das críticas reside na forma religiosa que a Igreja assumiu na Cristandade e que conserva até hoje em muitos aspectos. Esta Igreja não responde, segundo Comblin, aos apelos e interpelações dos tempos atuais, configurados pela modernidade. E a esperança reside na Igreja

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (1968). Atualmente é professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE e Membro do COEP da Universidade Federal de Minas Gerais. Escritor, autor de diversas obras.

que está a nascer sob forma despojada e simples no meio dos pobres, apesar da oposição dos setores de poder.

No início do livro, além da Introdução de Monica, há belo testemunho de Dom Luiz Cappio, bispo de Barra, em cuja cidade morou Comblin nos últimos tempos até a morte e com quem manteve enriquecedora convivência.

O livro começa com a última versão que Comblin deixou inconclusa no computador. Intitulou-a O Espírito Santo e a Tradição de Jesus. Aí estão as duas paixões do último Comblin em crítica acre a toda institucionalização e tradições que nos impossibilitam chegar à Tradição de Jesus. Na própria apresentação, como a geração que se despede, faz excelente análise de conjuntura do tempo que ele viveu no interior da movimentação da Igreja no espírito do Concílio Vaticano II e das forças opostas a ele na Europa e na América Latina. Realça o papel conservador e alheio ao espírito renovador do Concílio dos novos movimentos eclesiais nascidos, sobretudo na Itália e Espanha.

A Introdução lança luzes esclarecedoras sobre a realidade. Nela se anunciam as intuições centrais do Autor. Analisa a situação do mundo sob o ponto de vista da Igreja Católica. Interessa-se por compreender o Cristianismo dentro da conjuntura atual a partir da distinção entre o evangelho e a religião cristã ou católica. Ponto fulcral da reflexão de Comblin.

Considera a evolução da Igreja Católica nas condições atuais no prazo de uma geração. A longo prazo se tornará diferente. Aí o centro do Cristianismo se deslocará para o Extremo Oriente e para a África negra. A América Latina será majoritariamente evangélica, se a Igreja

Católica não mudar radicalmente. Isso não é muito provável.

José Comblin mostrou-se fortemente preocupado em atribuir ao Espírito Santo papel relevante na teologia que, no Ocidente, o esquecera. Esta substituíra-o pelas três brancuras - a hóstia, Nossa Senhora e o papa -, como afirmara Ph. Phare e Congar repetira.

Desde o ponto de vista romano, a situação atual se define como relativismo, como consequência do avanço da modernidade, do espírito crítico, científico e democrático com o conseqüente abandono da religião. De qual? Daquela que se adaptou ao ser humano do “neolítico, pré-científico, pré-técnico”. Abandona-se um Cristianismo que nunca foi ensinado e que nem realmente teve sentido para a vida das pessoas.

A partir de tal análise, desenha o futuro previsível no Ocidente. Na perspectiva atribuída a Bento XVI, a Igreja Católica será minoria aguerrida, corajosa, fiel na fé e doutrina da Igreja, que encontra inspiração no modelo tridentino. Os defensores de tal posição querem o poder na e da Igreja para que ela o exerça na cultura, política, economia. Pensam cristianizar a partir do poder à la Constantino. Comblin vê tal pretensão nos novos movimentos eclesiais com o apoio de Roma.

O outro projeto consiste em voltar à simplicidade das origens. Deixar de lado a herança constantiniana e começar de novo. Foram as aspirações das fundações monásticas e religiosas ao longo da história. Assim sonhava Dom Hélder. Implica a descentralização das paróquias em comunidades, grupos, diferentemente das

comunidades carismáticas e dos movimentos. Estas desintegram e dependem de centros fora. A Eucaristia e a catequese recebem outro significado e outra demanda prática no seio das pequenas comunidades integradas e comprometidas com a realidade presente.

O alvo principal das críticas reside na forma religiosa que a Igreja assumiu na Cristandade e que conserva até hoje em muitos aspectos. Esta Igreja não responde, segundo Comblin, aos apelos e interpelações dos tempos atuais, configurados pela modernidade. E a esperança reside na Igreja que está a nascer sob forma despojada e simples no meio dos pobres, apesar da oposição dos setores de poder.

Ele foca o Cristianismo na vinda de Deus à humanidade que acontece até hoje sob formas diversas. A teologia cristã é a história das manifestações da vinda de Deus. As Escrituras permitem compreendê-la. Nesse contexto, mostra o surgimento da Religião cristã na sua ambiguidade. Conclui a longa introdução, apontando, resumidamente, a diferença entre a Tradição divina da Vinda de Deus e a tradição humana, eclesiástica da busca de Deus. Este é o eixo que atravessa as diversas versões.

A última versão do livro permaneceu unicamente na primeira parte, cujas últimas páginas escreveu na véspera da morte. Tratou só da Tradição evangélica em dois capítulos: as origens e a cristandade.

Examina, no primeiro capítulo, a Tradição sobre a Vinda de Deus nos primeiros séculos até Teodósio e a fundação da cristandade. No início estão os escritos do Novo Testamento. Jesus não deixou muitas instruções aos discípulos, já que não previa

longo tempo de distância entre a sua morte e a nova vinda gloriosa. As recomendações básicas se resumem: o mandamento do amor, a eleição dos pobres, a necessidade de buscar o último lugar, sem programa pormenorizado, sem organização, sem doutrina, sem código. A origem da Tradição, embora pequena, revela-se significativa. Em três anos, Jesus deixou-nos entrever tudo. Comblin compara a ele a figura de Mons. Romero que também em três anos iluminou o Continente até hoje e continua a fazê-lo.

Nesse primeiro capítulo, persegue a verdadeira Tradição de Jesus. Interpreta o Novo Testamento, não como tratados de teologia, mas como atos, testemunhos no meio dos debates da Igreja primitiva a fim de evitar falso retrato de Jesus que já ameaçava desde o início. Comblin percorre rapidamente as principais respostas de Paulo sobre o pecado, Lei e graça (Romanos), sobre a liberdade (Gálatas), sobre a natureza do evangelho para gregos e judeus, interpretando a sabedoria para os gregos como fraqueza de Jesus e a lei para os judeus como escândalo (1Coríntios). Os evangelhos sinóticos acentuam principalmente a vida terrestre de Jesus, sobretudo a opção pelos pobres. A vida de Jesus foi seu evangelho. Ele não quis ser objeto de culto, não pede ato de culto nem o aceita, mas mostra o que é a vida nova que anuncia, o Reino de Deus.

Na Tradição depois dos evangelhos, Comblin chama a atenção para a Igreja dos mártires, a Igreja dos monges, a mística oriental. Para concluir o capítulo escolhe alguns autores antigos e padres da Igreja como testemunho da Tradição de Jesus. Apresenta Evágrio Pôntico (séc. IV) com sua ascese para normalizar o ser humano, superando as

deformações. Em seguida, aproxima-se de São João Crisóstomo (séc. IV), João Cassiano (séc. IV-V), Gregório de Nissa (séc. IV), Máximo Confessor (séc. VI-VII). Parecem breves apontamentos históricos e interpretativos dessas figuras no percurso da Tradição da Igreja. Termina o capítulo com os monges irlandeses (séc. IV-VI) que criaram uma regra de vida muito dura. Depois predominou a regra branda de S. Bento (séc. V-VI).

O capítulo II trata da Cristandade. Mesmo que os historiadores sinalizem a segunda metade do séc. XI, sob o pontificado de Gregório VII, como o início da Cristandade, Comblin vê a sua preparação desde o séc. X com a fundação de Cluny. Reflete sobre a vida monástica de Cluny e a originalidade, importância e grandeza dessa abadia no mundo político e religioso até o séc. XIII, ocupando extraordinária liderança. Foi grande força de reforma monástica. Em Cîteaux se fundou no final do séc. XI um mosteiro reformado. Adquiriu esplendor e se expandiu por obra de São Bernardo no início do séc. XII. Ele se vinculou com o regime feudal, promoveu novo tipo de vida monástica: as ordens militares. Foi grande pregador da Segunda Cruzada. Fundou a Ordem dos Templários, cuja regra redigiu em grande parte. A reforma realizada em Cîteaux estendeu-se também a outras famílias monásticas. S. Bruno funda no final do século XI a Cartuxa. O séc. XII assistiu também a extraordinário desenvolvimento da vida eremítica. Organizaram-se com espírito religioso as primeiras Cruzadas na extensão de grande movimento de religião popular. A Cristandade atingiu o auge no séc. XIII. Os papas tinham vencido os imperadores. As cruzadas reuniram o maior exército já existido no Ocidente desde a queda do Império

Romano. Os monges enchiam de mosteiros a cristandade toda. Reuniam imensa riqueza. Surgiram vários movimentos de pobreza a contestar o poder do clero e dos mosteiros. Nesse contexto, aparecem as fulgurantes figuras de Francisco de Assis e S. Domingos. O livro se interrompe com a morte de Comblin precisamente no momento em que abordava o papel desses dois grandes santos da Tradição cristã.

O livro organizado por Monica prossegue com as versões seguintes. Indicarei somente a estrutura de cada uma delas, apontando os simples títulos dos temas trabalhados. A versão 1 tem o título geral de A nova descoberta do Evangelho. Introdução à Teologia Contemporânea. Texto bem mais amplo com seis capítulos. A vida terrestre de Jesus, revelação de Deus. Depois de Jesus: A obra das primeiras gerações. A tradição do evangelho. A tradição eclesiástica. As grandes tentações da história e finalmente a teologia como problema. Texto bem mais completo. Algumas partes coincidem com a última versão que chegou até parte da Idade Média.

A versão 2 se intitulou: O Espírito Santo na Igreja. Também com seis capítulos e um preâmbulo. No preâmbulo indica alguns pressupostos e a tensão entre a Tradição e as tradições. No primeiro capítulo trata da Fé e Religião. Depois, vem o Espírito Santo na vida de Jesus. Em seguida, O Espírito Santo na Igreja: as origens. Um quarto capítulo aborda a tradição movida pelo Espírito. A tradição religiosa faz o 5º capítulo. O sexto capítulo anunciou as duas tradições religiosas paralelas, mas, então interrompe sem nada escrever e parte para a versão 3.

Esta tem o título de um dos capítulos da anterior: O Espírito Santo na Igreja. São 4

partes com 14 capítulos. Pelos títulos vemos que aparecem os mesmos temas com modificações redacionais. A Introdução anuncia o retorno às origens, toca no tema da fé e religião. Tecla importante para Comblin. A primeira parte: As origens da Tradição começa com O Espírito Santo na vida de Jesus. Depois o Espírito na Igreja: o nascimento da tradição evangélica. A segunda parte gira em torno da Tradição evangélica no Primeiro milênio, na tradição na cristandade medieval, na tradição nos tempos da Reforma e na tradição na ruína da cristandade. A terceira parte aborda a Tradição religiosa: as suas origens, na cristandade, na expressão tridentina e em confronto com a modernidade. A última parte soa prospectiva: Na aurora do século XXI: a conjuntura, a tradição evangélica no presente e a tradição religiosa no presente. De novo, retoma ideias próximas à introdução em que analisa a tensão da atual conjuntura: neocristandade e nascimento da Igreja dos pobres.

Já pelos títulos, o leitor percebe a sobreposição dos temas, mas nunca repetidos. O estilo de trabalhar de Comblin iniciou cada versão. Deixou-a inacabada, para recomeçar outra. Não repetiu a anterior, mas repensou o mesmo problema com mais informações e com novas intuições e preocupações pastorais. Os temas permanecem os mesmos.

Os textos são inspiradores. Não se preocuparam com nuances nem com pontualizações que lhes dessem maior equilíbrio. A leitura se faz proveitosa à medida

que se busquem intuições e provocações. Não têm o rigor de obra em que se ponderam as afirmações com temor de exageros ou simplificações. O Autor esquece o rigor acadêmico para lançar-se no estilo de ensaio criativo com as vantagens e limites de tal gênero. As afirmações históricas assumem, às vezes, caráter telegráfico. Não se trata de pesquisas desse gênero, mas de elementos que permitam confirmar a intuição central do livro: a tensão entre a religião católica e a tradição de Jesus. E nesse processo, a presença e a ação do Espírito Santo. Nessa perspectiva com seus limites, o livro traz valiosa contribuição.

Valeria a pena que algum aluno tomasse as quatro versões, como objeto de monografia ou mesmo de dissertação e construísse o veio central com as contribuições de cada um dos textos. Teríamos no final com maior clareza as intuições centrais que as perpassam. Tarefa interessante e promissora.

Os textos são inspiradores. Não se preocuparam com nuances nem com pontualizações que lhes dessem maior equilíbrio. A leitura se faz proveitosa à medida que se busquem intuições e provocações [...] Valeria a pena que algum aluno tomasse as quatro versões, como objeto de monografia ou mesmo de dissertação e construísse o veio central com as contribuições de cada um dos textos. Teríamos no final com maior clareza as intuições centrais que as perpassam. Tarefa interessante e promissora.

Trabalho recebido em 19/02/2013.
Aprovado em 22/03/2013.